

Resenha
(em português e inglês)

La Vía Campesina: Globalização e o poder dos camponeses¹

La Vía Campesina: Globalization and the power of peasants

La Vía Campesina: Globalización y el poder de los campesinos

Annette Aurélie Desmarais

PhD in Geografia at University of Calgary, Alberta, Canadá (2003)
Associate Professor of the Department of Justice Studies of University of Regina
Endereço: Regina, Saskatchewan, Canadá, S4S, 0A2
Endereço eletrônico: annette.desmarais@uregina.ca

Tradução: Eduardo Paulon Girardi

Apesar de décadas de “desenvolvimento”, fome e pobreza persistem em áreas rurais de todo o mundo. Com a implementação dos programas de ajustes estruturais, acordos regionais de comércio e acordos da OMC, a paisagem rural passa por rápidas mudanças por toda parte. Governos nacionais reestruturaram políticas agrícolas para propiciar maior integração a uma economia internacional dirigida pelo mercado. A formação e consolidação da Vía Campesina prova que famílias camponesas e de agricultores não têm sido complacentes durante este processo de reestruturação econômica e nem têm sido vítimas passivas frente à crescente pauperização e marginalização; ao contrário, elas estão resistindo ativamente à globalização de um modelo corporativo de agricultura. De fato, camponeses e pequenos agricultores estão usando três armas convencionais dos mais fracos – a organização, a cooperação e a comunidade – para redefinir o “desenvolvimento” e construir um modelo alternativo de agricultura baseado nos princípios de justiça social, sustentabilidade ecológica e respeito às culturas e economias camponesas.

Pouco mais de uma década após seu princípio em 1993, a Vía Campesina se expandiu e compreende hoje 149 organizações de camponeses, pequenos e médios agricultores, mulheres rurais, trabalhadores rurais e comunidades agrárias indígenas de 56 países da Ásia, Américas, África e do leste e oeste europeu. Através da Vía Campesina, organizações camponesas e de agricultores efetivamente se “transnacionalizaram” e tiveram êxito no estabelecimento de um espaço na arena internacional; a Vía Campesina está preenchendo este espaço com vozes camponesas e articulando as demandas e alternativas camponesas em torno de esforços para resistir à imposição de um modelo corporativo de agricultura. Isso envolve a construção de alternativas viáveis que variam de pequenas cooperativas agrícolas, bancos locais de sementes e empreendimentos comerciais justos para defender práticas agrícolas tradicionais; envolve a ligação desses esforços não somente no nível local, mas também nos níveis nacional, regional e internacional. Além disso, eles estão usando a mais poderosa das ferramentas disponíveis para os movimentos sociais – a não participação e a deslegitimação – para resistir às práticas atuais da globalização neoliberal.

Como os camponeses e pequenos agricultores do Norte e do Sul puderam fazer isso? Onde eles encontraram capacidade organizacional e poder para desafiar corporações transnacionais do agronegócio e instituições internacionais das quais o poder e a influência

¹ A coordenação de publicação da Revista NERA, por considerar de grande importância o livro “*La Vía Campesina: Globalization and the Power of Peasants*”, de autoria de Annette Aurélie Desmarais, convidou a autora a publicar na revista esta apresentação/resenha de seu próprio livro.

crescentemente são direcionadas às políticas governamentais? O que fez a Vía Campesina tão bem sucedida nesta disputa aparentemente impossível? Quais dificuldades eles tiveram que superar pelo caminho? O livro *La Vía Campesina: Globalization and the Power of Peasants* explora essas questões analisando a formação, consolidação e funcionamento da Vía Campesina. Espero que ao observarmos cuidadosamente os primeiros dez anos de existência da Vía Campesina possamos entender melhor o papel dos movimentos sociais rurais na reformulação do desenvolvimento rural e como o papel da agricultura no desenvolvimento deve ser repensado.

O livro apresenta uma visão da Vía Campesina a partir do seu interior e privilegia as experiências, vozes e visões dos próprios camponeses, mulheres rurais e agricultores. Com o objetivo de destacar o centro de poder e voz, preenchi as páginas do livro com as palavras desses atores sociais mais do que os parafrazeando, respeitando desta forma os desejos dos camponeses e agricultores e o esforço coletivo para estabelecer um espaço internacional onde eles possam articular suas necessidades, interesses e demandas através de suas próprias vozes e linguagens.

De várias formas estive em uma posição privilegiada enquanto desenvolvia esta pesquisa. Fui pequena agricultora nas pradarias canadenses por 14 anos e também trabalhei como assistente técnica da Vía Campesina desde sua criação em 1993. Isso me proporcionou acesso a numerosos líderes rurais pelo mundo também a diversos encontros, conferências, discussões e documentos. Mais importante, através desses anos ganhei a confiança dos líderes da Vía Campesina.

Metodologia e Métodos

A metodologia e os métodos utilizados neste estudo foram baseados em pesquisas feministas. A proposta de minha pesquisa era assessorar as lutas da Vía Campesina fornecendo ferramentas que o movimento considerasse úteis em deliberações futuras. Uma abordagem participativa era realmente necessária para que a pesquisa pudesse se tornar útil à Vía Campesina, ou seja, a pesquisa foi ligada diretamente às lutas dos camponeses e pequenos agricultores; as questões da pesquisa foram elaboradas em colaboração com a liderança da Vía Campesina e o plano de pesquisa e as questões foram então revisadas com as lideranças rurais nos diferentes países onde realizei trabalhos de campo.

Com o intuito de revelar a visão dos camponeses e pequenos agricultores acerca de uma mudança, a pesquisa foi baseada em diversas fontes. Para melhor entender os debates e a lógica por trás das proposições particulares que a Vía Campesina lançou na arena internacional, examinei documentos públicos e internos produzidos pela Vía Campesina desde sua criação. Nestes documentos estão compreendidos: atas de conferências; minutas de todos os encontros da Comissão Feminina e da Comissão de Coordenação Internacional e grupos de trabalho temáticos da Vía Campesina; escritos internos de comunicação entre organizações participantes; publicações impressas, indicações de posicionamentos e posicionamentos das três conferências internacionais da Vía Campesina. Uma análise dessa documentação me proporcionou um olhar interno nas numerosas atividades, ações e níveis (local, nacional e internacional) onde o movimento atua. Também permitiu que eu identificasse a extensão da coesão e da discordância dentro da própria Vía Campesina. Através da observação participativa em diversos encontros e mobilizações da Vía Campesina, testemunhei quais assuntos estavam em primeiro plano, como esses assuntos eram articulados e debatidos e como decisões eram finalmente tomadas. A observação participante permitiu que eu visse as diferentes formas, dimensões culturais e impactos das ações coletivas desencadeadas pela Vía Campesina.

Admitindo que a Vía Campesina não existe nem atua no vácuo, consulte também sua correspondência com outras organizações e instituições e comparei as posições da Vía Campesina com as de outros atores sociais chave. Como uma observadora participante em várias conferências internacionais sobre segurança alimentar, observei de início como o ponto de vista da Vía Campesina diferia daqueles apresentados por outros atores sociais

envolvidos em deliberações sobre segurança alimentar, agricultura e comércio. Isso me expôs às numerosas estratégias (algumas mais visíveis do que outras) utilizadas pela Vía Campesina para estabelecer sua presença e construir um espaço internacional para camponeses e agricultores.

Para entender as raízes históricas da Vía Campesina, consultei documentos elaborados por organizações de agricultores e a organização não-governamental que estava mais diretamente envolvida com sua formação. Procurei uma interpretação mais ampla da documentação e eventos que direcionaram o encontro constitutivo da Vía Campesina através de entrevistas semi-estruturas com os envolvidos.

Anos de observação participativa em eventos locais e encontros, combinada com entrevistas extensas com líderes localmente baseados no México, Canadá, Índia e Honduras destacaram numerosos exemplos de como o local, o nacional e o internacional se conectam no contexto da Vía Campesina. Entrevistas com organizações nacionais de agricultores nesses três países proporcionaram uma visão crítica sobre as razões pelas quais as organizações de agricultores optaram por se tornarem globais; os fatores que contribuem para o seu sucesso ou fracasso nisso e as condições e recursos necessários para prosseguir com este trabalho. Também entrevistei a maioria dos membros da Comissão de Coordenação Internacional e os funcionários do suporte técnico acerca de suas experiências para consolidar um movimento camponês internacional.

Reflexões sobre o significado da Vía Campesina

O livro *La Vía Campesina: Globalization and the Power of Peasants* (A Vía Campesina: globalização e o poder dos camponeses) destaca a contribuição da Vía Campesina na construção de alternativas às poderosas forças da globalização. Uma abordagem baseada no poder das políticas alimentares nos obriga a olhar não somente a dinâmica do poder entre organização de agricultores, Estado e instituições multilaterais como a OMC, corporações transnacionais do agronegócio e outros atores sociais; isso nos obriga examinar também o poder das relações dentro do próprio movimento. Consequentemente, o livro explora os principais assuntos, posições, estratégias, ações coletivas e dinâmicas internas da Vía Campesina. Com isso, o estudo mostra como local, nacional e internacional se entrelaçam nos esforços do movimento camponês para pensar e construir sistemas alimentares sustentáveis, apresentar uma visão clara sobre a natureza e extensão do atual ativismo agrário e sugerir questões fundamentais sobre a conceituação do desenvolvimento rural.

Reflexões sobre os significados da Vía Campesina

A Vía Campesina aglutinou-se em torno de objetivos comuns no Norte e no Sul: uma rejeição explícita ao modelo neoliberal de desenvolvimento rural; uma franca recusa da exclusão desencadeada pela política de desenvolvimento agrícola e uma firme determinação para trabalhar conjuntamente para dar poder a uma voz camponesa e para estabelecer um modelo alternativo de agricultura baseado na soberania alimentar. Este é um aspecto visível da crescente presença e voz rural. A Vía Campesina consolidou unidade e solidariedade por meio da clara atribuição de nome ao inimigo: os agentes da globalização econômica e da corporativização da agricultura. Para a Vía Campesina esta não é uma luta entre camponeses do Sul e agricultores do Norte; a luta é entre dois modelos de desenvolvimento econômico e social divergentes e opostos.

Para a Vía Campesina, o protesto agrário é dirigido por uma forte identidade camponesa e uma visão de uma cultura camponesa vibrante e envolvente que compreende práticas inovadoras e novas maneiras de pensar e fazer política. Mais importante são os modos como as organizações rurais estão trabalhando conjuntamente para proteger os interesses das famílias agricultoras e para negociar um modelo alternativo de agricultura no

qual aqueles que trabalham a terra tenham maior acesso a ela e controle sobre os recursos de produção como terra, sementes, água e crédito.

A Vía Campesina manteve copiosamente seu status camponês e agricultor. Deste modo, ela procedeu claramente na articulação e apresentação de forma enfática na arena internacional das necessidades, interesses, demandas e visões daqueles que atualmente produzem alimentos. Através dessas ações a organização auxiliou a focalizar deliberações agrícolas internacionais sobre temas como: reforma agrária; organismos geneticamente modificados e o controle e propriedade sobre sementes; práticas agrícolas sustentáveis; direitos humanos e igualdade de gêneros no campo e; a relação entre comércio internacional e insegurança alimentar. Todos esses temas são compreendidos pela noção de soberania alimentar proposta pela Vía Campesina. Nas palavras da organização, soberania alimentar significa que os povos têm o “direito de produzir nosso próprio alimento em nosso próprio território” de forma que sejam valorizados o meio ambiente e os valores culturais dos povos. A soberania alimentar focaliza aqueles que realmente trabalham na terra e lidam diretamente com questões de *como, qual, onde e em que escala* os alimentos são produzidos.

Evocar o significado de “camponês” talvez seja uma das mais importantes realizações da Vía Campesina. Esta é uma identidade política e caracteriza pessoas que compartilham um profundo comprometimento com o local; profundamente arraigadas com um pedaço de terra particular e que são todas parte de uma comunidade rural particular e que têm ameaçados seu modo de existência. Esta identidade de “pessoas da terra” reflete a certeza que eles têm sobre o direito de estar na terra. Eles têm o direito e a obrigação de produzir alimentos. Eles têm o direito de ser vistos como cumpridores de um importante papel na sociedade e de viver em comunidades viáveis e a obrigação de construir o comunitarismo. Esses aspectos constituem os principais elementos de sua distinta identidade como camponeses. Na globalização politizada da atualidade, articular identidades entre fronteiras se baseando no local e na tradição é um ato político profundo. Desta forma, a Vía Campesina está construindo uma modernidade alternativa.

Ao formar a Vía Campesina, camponeses e organizações de agricultores efetivamente se “transnacionalizaram” e obtiveram sucesso na construção de um espaço na arena internacional. A Vía Campesina está preenchendo este espaço com vezes camponesas, articulando demandas e alternativas camponesas nos esforços para resistir à imposição de um modelo corporativo de agricultura. A solidariedade e unidade experimentada com a Vía Campesina proporcionou o que seja talvez o mais precioso de todos os presentes: a esperança. Esperança de que uma “outra” agricultura seja possível. A Vía Campesina nos permite imaginar que esta mudança é possível e que um projeto alternativo está sendo criado. Isto é claramente perceptível no slogan da Vía Campesina “Globalizar a luta, globalizar a esperança”.

O significado social e político da Vía Campesina não podem ser subestimados. A Vía Campesina é talvez o maior e mais significativo movimento social agrário do mundo. Isso oferece à grande diversidade de atores e organizações progressivas a oportunidade de um completo engajamento na análise, política de desenvolvimento, defesa e em alguns casos ação direta sobre temas-chave relativos à soberania e segurança alimentar. Com isso, a Vía Campesina está reclamando por mudanças fundamentais no terreno, nos jogadores, nos temas que são trazidos para a mesa de discussão e nos termos e condições de participação e negociação. Neste processo, a Vía Campesina está redefinindo o próprio desenvolvimento.

O livro *La Vía Campesina: Globalization and the Power of Peasants*, de autoria de Annette Aurélie Desmarais foi publicado em 2007 pela Fernwood Publishing (Canadá) e Pluto Books (Inglaterra). O livro será publicado em espanhol pela Edición Popular.

Book overview:

La Vía Campesina: Globalization and the Power of Peasants²

Despite decades of 'development', hunger and poverty persist in rural areas around the world. With the implementation of structural adjustment programs, regional trade agreements and WTO agreements, rural landscapes everywhere are undergoing rapid change. National governments are restructuring agricultural policies to facilitate greater integration into an international market-driven economy. The formation and consolidation of La Vía Campesina is living proof that peasant and farm families have not been compliant accomplices during this process of economic restructuring, nor have they been passive victims in the face of increasing poverty and marginalization. Instead, they are actively resisting the globalization of a corporate model of agriculture. Indeed, peasants and small-scale farmers are using three traditional weapons of the weak – organization, co-operation and community – to redefine 'development' and build an alternative model of agriculture based on the principles of social justice, ecological sustainability and respect for peasant cultures and peasant economies.

In little over a decade after its inception in 1993 La Vía Campesina grew to embrace 149 organizations of peasants, small and medium-scale farmers, rural women, farm workers and indigenous agrarian communities from 56 countries in Asia, the Americas, Africa, and Western and Eastern Europe. Through La Vía Campesina, peasants and farm organizations effectively 'transnationalized' and succeeded in carving out a space in the international arena. La Vía Campesina is filling that space with peasant voices, articulating peasant demands and peasant alternatives in efforts to resist the imposition of a corporate model of agriculture. This involves building viable alternatives ranging from small agricultural cooperatives, local seed banks, fair trade ventures to reclaiming traditional farming practices. It also means linking these efforts beyond the local by working at the national, regional and international levels. They are also using the most powerful tools available to social movements – that of non-participation and delegitimization – to resist current practices of neoliberal globalization.

How were peasants and small farmers in the North and South able to do this? Where did they find the organizational capacity and strength to challenge transnational agribusiness corporations and international institutions who power and influence increasingly dictate national government policy? What has made La Vía Campesina so successful against seemingly impossible odds? What difficulties have they needed to overcome along the way? *La Vía Campesina: Globalization and the Power of Peasants* addresses these questions by analyzing the formation, consolidation and functioning of La Vía Campesina. I hope that by looking carefully at the first ten years of La Vía Campesina's existence we can better understand the role of rural social movements in reshaping rural development and how the role of agriculture in development might be rethought.

The book offers an insider's account of La Vía Campesina by privileging the experiences, voices and visions of peasants, rural women and farmers themselves. In the interests of shifting the center of power and voice I have filled the pages of this book with as many of their words as possible rather than paraphrasing them. In this way I am respecting peasants' and farmers' desires and concerted efforts to establish an international space where they can articulate their needs, interests and demands in their own voices, and speaking in their own language.

In many ways I was in quite a privileged position while doing this research in that I was a small-scale farmer in the Canadian prairies for 14 years. Then, I worked as technical support to La Vía Campesina since its inception in 1993. This provided me with access to

² The author was invited by the Editorial Board of Revista NERA to publish this Book Overview of her own Book.

numerous farm leaders around the world and all kinds of meetings, conferences, discussions and documents. More importantly, over the years I had gained the trust of Vía Campesina leaders.

Methodology and Methods

The methodology and methods used in this study were informed by feminist research frameworks. The purpose of my research was to support Vía Campesina struggles by providing them with tools that the movement might find useful in future deliberations. A participatory approach was absolutely necessary if the research would be of any practical use to the Vía Campesina. That is, the research was tied directly to peasant and small-scale farmers' struggles, the research questions were designed in collaboration with La Vía Campesina leadership and the research plan and questions were then re-visited with the farm leadership in the different countries where I did field work.

In the interests of revealing peasants' and small-scale farmers' visions for social change the research is based on various sources. To understand better the debates and logic behind the particular positions La Vía Campesina ultimately voiced in the international arena I examined both the public and internal documents produced by La Vía Campesina since its inception. These included conference proceedings; minutes of all meetings of the Women's Commission, the International Coordination Commission and thematic working groups of La Vía Campesina; internal written communication among participating organizations; press releases, position statements and proceedings of the three International Conferences of La Vía Campesina. A content analysis of this documentation provided me with glimpses into the numerous activities and actions, and the various levels (local, national and international) where the movement works. It also allowed me to discern the extent of congruence or disagreement within La Vía Campesina itself. Through participant observation in many Vía Campesina meetings and mobilizations I witnessed what issues came to the forefront, how these issues were articulated and debated, and how decisions were ultimately made. Participant observation was instrumental in allowing me to see the different forms, cultural dimensions and impact of the collective actions initiated by La Vía Campesina.

In acknowledging that La Vía Campesina does not exist nor function in a vacuum, I also consulted its correspondence with other organizations and institutions, and compared La Vía Campesina's positions with those of other key social actors. As a participant observer in various international conferences on food security I saw first hand how La Vía Campesina's views differed from those of other social actors involved in deliberations on food security, agriculture and trade. This also exposed me to the numerous strategies (some more visible than others) used by La Vía Campesina to establish its presence and to carve an international space for peasants and farmers.

To understand the historical roots of the Vía Campesina I consulted documents prepared by farm organizations and the non-governmental organization that was most involved in its formation. I sought further interpretation of the documentation and events leading up to the constitutive meeting of the Vía Campesina through semi-structured interviews with those involved.

Years of participant observation in local events and meetings, combined with extensive interviews with locally-based leaders in Mexico, Canada, India and Honduras highlighted numerous examples of just how the local, national and international connect within La Vía Campesina. Interviews with national farm organizations in these three countries gave me critical insights into the reasons why farm organizations opt to 'go global', the factors that contribute to their success or failure in doing so, and the conditions and resources necessary to pursue this kind of work further. I also interviewed most members of the International Coordinating Commission and technical support staff to record their experiences in consolidating an international peasant movement.

Reflections on the meanings of La Vía Campesina

La Vía Campesina: Globalization and the Power of Peasants highlights La Vía Campesina's contributions to building alternatives to the powerful forces of globalization. A power-based approach to the politics of food forces us not only to look at the power dynamics between farmers organizations, the state, multi-lateral institutions such as the WTO, transnational agribusiness corporations and other social actors. It also demands an examination of power relations within the movement itself. Consequently, the book explores the main issues, positions, strategies, collective actions and internal dynamics of La Vía Campesina. In doing so, the study shows how the local, national and international intersect in peasant movements' efforts to envision and build sustainable food systems, provides insights into the nature and extent of current agrarian activism, and suggests fundamental questions about the conceptualization of rural development.

La Vía Campesina coalesced in the North and South around common objectives: an explicit rejection of the neoliberal model of rural development, an outright refusal to be excluded from agricultural policy development, and a firm determination to work together to empower a peasant voice and to establish an alternative model of agriculture based on food sovereignty. This is an increasingly visible presence and vocal farm voice. La Vía Campesina consolidated unity and solidarity by clearly naming the enemy -- the agents of economic globalization and corporatization of agriculture. For La Vía Campesina this is not a struggle between peasants in the South and farmers in the North. Instead, the struggle is between two divergent and opposing models of social and economic development.

For La Vía Campesina, agrarian protest is driven by a strong peasant identity and a vision of an evolving and vibrant peasant culture involving innovative practices and new ways of thinking about and doing politics. Most important are the ways rural organizations are working together to protect the interests of farming families and negotiate an alternative model of agriculture in which those who work the land have greater access to, and control over, productive resources like land, seeds, water or credit.

La Vía Campesina has jealously guarded its peasant and farmer-led status. In this way it has succeeded in clearly articulating and firmly placing in the international arena the needs, interests, demands and visions of those who actually produce food. In doing so, it has helped focus international agriculture deliberations on issues such as agrarian reform, genetically-modified organisms and the control and ownership of seeds, sustainable agricultural practices, human rights and gender equality in the countryside, and the relationship between international trade and food insecurity. All of these issues are encompassed in La Vía Campesina's notion of food sovereignty. In La Vía Campesina's words, food sovereignty means that peoples have the "right to produce our own food in our own territory" in ways that enhance the environment and peoples' cultural values. Food sovereignty centers on those who actually work the land and deals head on with questions of what, where, how and at what scale food is produced.

Reclaiming the meaning of "peasant" is perhaps one of La Vía Campesina's most important accomplishments. This is a politicized identity. It reflects people who share a deep commitment to place, people deeply attached to a particular piece of land, people who are all part of a particular rural community, people whose mode of existence is under threat. This place-bound identity, that of 'people of the land', reflects the belief that they have the right to be on the land. They have the right and obligation to produce food. They have the right to be seen as fulfilling an important function in society at large. They have the right to live in viable communities and the obligation to build community. These form essential parts of their distinct identity as peasants. In today's politicized globalization articulating identity across borders based on locality and tradition is a deeply political act. Thus, La Vía Campesina is constructing an alternative modernity.

In forming the Vía Campesina, peasants and farm organizations effectively 'transnationalized' and succeeded in carving out a space in the international arena. The Vía Campesina is filling that space with peasant voices, articulating peasant demands and

peasant alternatives in efforts to resist the imposition of a corporate model of agriculture. The solidarity and unity experienced with the Vía Campesina yield perhaps the most precious gift of all, hope. Hope that 'another' agriculture is possible. Indeed, the Vía Campesina enables us to imagine that change is possible and that an alternative project is being created. This is clearly captured in the Vía Campesina's slogan "Globalize the Struggle – Globalize Hope."

The social and political significance of La Vía Campesina cannot be underestimated. The Vía Campesina is perhaps the largest and most significant agrarian social movement in the world. It offers a whole range of rural social actors and progressive organizations the opportunity for full engagement in analysis, policy development, advocacy and in some cases direct action on key issues related to food sovereignty and food security. In so doing, La Vía Campesina is demanding fundamental changes to the terrain, the players, what issues are brought to the table and the terms and conditions of participation and negotiation. In the process, it is redefining development itself.

La Vía Campesina: Globalization and the Power of Peasants by Annette Aurélie Desmarais was published in 2007 by Fernwood Publishing (Canada) and Pluto Books (England). It will be published in Spanish by Edición Popular.

Recebido em maio de 2007
Aprovado em maio de 2007